PROAC LAB
PROGRAMA DE AÇÃO CULTURAL SÃO PAULO

Secretaria de Cultura e Economia Criativa

SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA ESPECIAL DA **CULTURA**

MINISTÉRIO DO **TURISMO**

PÁTRIA AMADA BRASIL
GOVERNO FEDERAL

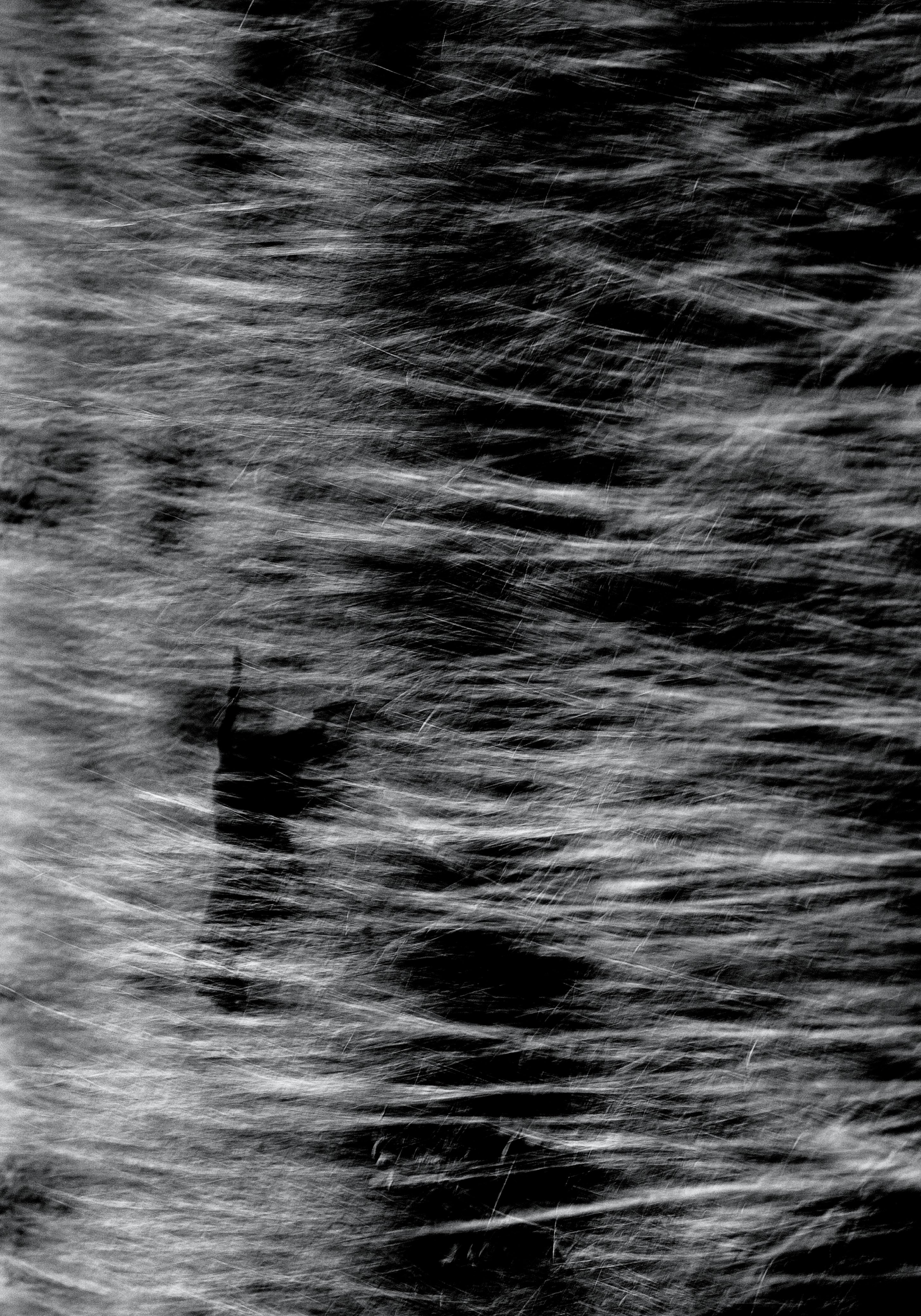
VALDEMIR CUNHA

VAQUEIRO DAS ÁGUAS

origem

VAQUEIRO DAS ÁGUAS

VALDEMIR CUNHA



VAQUEIRO DAS ÁGUAS VALDEMIR CUNHA

origem

Onde os rios criam homens

Texto: Xavier Bartaburu

"O homem deste lugar é uma continuação das águas."
Manoel de Barros

A história do vaqueiro pantaneiro é também a história das águas do Pantanal. Ou melhor, do encontro entre ambos, homem e natureza, duas forças contrárias, mas não oponentes, talvez complementares. Uma história construída ao longo de três séculos pelo movimento de avanço e recuo dos rios sobre a planície: gente e água, cada qual encontrando modos de existir a despeito do outro, ocupando os vazios possíveis a cada cheia, a cada seca. Nesses espaços deixados pelos rios foi que o peão se tornou pantaneiro, homem esculpido pelo vaivém das águas que encontrou um jeito todo próprio de amenizar a solidão dos ermos.

Sua origem é quase tão antiga quanto os rios - pelo menos 8 mil anos, conforme atestam as mais remotas evidências de ocupação humana no Pantanal, preservadas nos altos do Maciço do Urucum. Desses primeiros habitantes é que descendem os numerosos povos indígenas que se encontravam vivendo na planície quando da chegada do homem branco. São eles a matriz original do vaqueiro pantaneiro, a linhagem primeva, autóctone, à qual se misturariam, com o passar dos séculos, brancos e negros.

No sul viviam os Guaikuru, guerreiros de índole conquistadora que viviam do saque e dos tributos sobre os povos vizinhos. Pouco mais ao norte estavam os Payaguá, igualmente ferozes; ases da canoa e dos rios pantaneiros, não raro enredavam os invasores em sanguinárias batalhas navais. Talentosos canoeiros também eram os Guató, mas estes não gostavam de guerra; eram os melhores caçadores do Pantanal e mantinham a paz com os Guaikuru e os Payaguá cedendo-lhes parte da caça. O mesmo sistema era adotado pelos Guaná, laboriosos agricultores que lhes forneciam comida, utensílios e mulheres em troca de sossego.

O delicado equilíbrio entre esses povos, como é de praxe na história colonial, começou a se esfacelar com a chegada dos europeus. O primeiro contato foi em 1524, com a expedição de Aleixo Garcia, português a serviço dos espanhóis, que cruzou a região rumo às minas de ouro e prata do Altiplano Andino. Outras a seguiram,

todas a mando dos espanhóis, que passaram a controlar a rota de escoamento de minérios entre os Andes e o Rio da Prata, seguindo o curso do Rio Paraguai.

Foram os espanhóis que apresentaram o cavalo aos Guaikuru, e estes se tornaram os mais arrojados cavaleiros da planície, célebres por atacar inimigos de surpresa, em enfurecido tropel. Dos Guaikuru, o vaqueiro pantaneiro herdou a maestria na sela. Dos Payaguá, índios canoeiros, a habilidade nas águas. E de ambos, como se suspeita, certo desdém pela submissão. Diz-se que todo vaqueiro pantaneiro, embora empregado, gosta de se sentir um pouco patrão. Não do gado propriamente, mas de si mesmo.

Os primeiros traços de miscigenação começaram a surgir só no século 18, quando bandeirantes paulistas de origem portuguesa, rasgando matas e linhas imaginárias, foram conferir o que havia do lado de lá da Linha de Tordesilhas. Além dos indígenas, agora com força redobrada, encontraram ouro à beira do Rio Coxipó, em 1718. No ano seguinte, estava fundada Cuiabá, meca de uma delirante febre aurífera que fez milhares de homens e mulheres empreenderem penosas viagens fluviais, de no mínimo seis meses de duração, rumo ao Mato Grosso. Em pouco tempo, novas vilas já brotavam ao sul, abeirando-se da planícia inundada: Nossa Senhora do Livramento, Cáceres, Poconé, Corumbá.

Um dia, o ouro acabou. Dado o isolamento da região, era voltar para casa ou ocupar os campos alagado, apossando-se do gado deixado pelos espanhóis que por ali se espalhara. Repetindo o movimento da água que todo ano avança sobre as pastagens, uma onda de gente começou a povoar o Pantanal a partir do norte, rumo ao sul. Começaram ainda no século 18, abrindo fazendas no entorno de Cáceres e Poconé que podiam superar o meio milhão de hectares. Em meados do século 19, terminada a Guerra do Paraguai, as propriedades começaram a se multiplicar para além dos rios e vazantes, cada vez mais no interior da Pantanal. Um novo povo ganhava a planície. O homem pantaneiro, enfim.

Já era gente misturada. Nem indígenas nem brancos, mas a habitual farofa de raças destes trópicos: um tanto de nativos apaziguados, outro tanto de sangue português, um pouco de tempero africano, este pela presença de alguns escravizados trazidos com os paulistas. Somem-se ainda os paraguaios, que, arruinados pela Guerra da Tríplice Aliança, vieram em massa trabalhar nos campos do lado de cá e injetar farta dose de sangue Guarani no espírito pantaneiro.

Chegaram também gaúchos, e estes, ao ensinar os herdeiros dos bandeirantes a manejar o gado à larga, terminaram por conferir ao Pantanal certas feições sulistas, irmanadas com o Pampa. Vieram por razões históricas: antes da inauguração da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil em 1914, a única maneira de chegar ou sair do Pantanal era de barco, pelo porto de Corumbá. Quem quisesse ir à capital tinha de descer o Rio Paraguai e contornar pelo Prata. Ou seja, o Rio de Janeiro era apenas o destino final de um trajeto que incluía Assunção, Buenos Aires e Montevidéu. Aos poucos, no movimento inverso das águas pantaneiras, a cultura do Pampa invadiu a planície. Não por acaso, o vaqueiro pantaneiro hoje dança chamamé, usa guaiaca e toma tereré, esse correspondente gelado do chimarrão.

Em respeito aos rios

Outra vocação econômica para o Pantanal não havia, ao menos não no tempo do povoamento original. São 210 mil quilômetros de planície, quase metade forrada por campos de gramíneas nativas capazes de sustentar não só capivaras, veados e antas como também as 3,8 milhões de cabeças de gado que hoje são criadas lá. Seria um outro Pampa no miolo do continente não fosse o fato de estar rodeado de serras e platôs que lhe despejam cerca de 175 rios, todos eles com o destino único de misturar suas águas às do Rio Paraguai. O que ocorre é que o Paraguai não tem leito suficiente para escoar a água que não evaporou depois das chuvas, que caem implacáveis sobre os campos e as cabeceiras de novembro a abril. Dado o baixo declive da planície - dez metros, no máximo -, os rios não têm alternativa senão empachar e transbordar, até converter os campos num imenso mar de água doce.

Essa dinâmica permitiu que o Pantanal se mantivesse como um lugar em grande medida isolado e indomado, onde as estradas não chegam e seus habitantes não veem opção senão render-se à lógica da natureza para tentar extrair algum sustento apesar dela. Daí a razão pela qual as fazendas pantaneiras sejam imensas, com milhares de hectares: há que se reservar um pedaço generoso de terra às inundações; caso contrário, não haverá espaço para o gado. E este, mesmo tão numeroso, causa um impacto mínimo na natureza, pois não houve a domesticação da paisagem para tornar a pecuária possível, e sim uma ocupação obediente em que se respeitam os ciclos naturais. O que temos, portanto, é um bioma em que milhões de reses mastigam há três séculos a vegetação nativa e, ainda assim, o equilíbrio ecológico se mantém inalterado.

O próprio rebanho, inicialmente, também se ajustou por si só à dinâmica da paisagem. Dos primeiros animais deixados pelos espanhóis surgiu um gado novo, raça exclusiva do Pantanal, a tucura, adaptada ao calor e à estiagem e também de cascos resistentes, capazes de suportar longos períodos em campos alagados. O rebanho tucura foi a principal fonte de proteína dos soldados brasileiros que lutaram na Guerra do Paraguai e também aquele que deu ao Pantanal seu auge econômico na primeira metade do século 20. Durante as duas guerras mundiais, vapores partindo do porto de Corumbá desciam o Rio Paraguai carregados de charque pantaneiro com destino à Europa. A demanda era tanta que o tucura nem deu conta: para aumentarem a produtividade, os fazendeiros começaram a introduzir o zebu, gado indiano, hoje o grosso da população bovina da planície. Desde então, o Pantanal se tornou especialista no boi magro, focado na criação dos novilhos que serão vendidos para as fazendas de engorda e abate no planalto.

Aqui, todo o ciclo da pecuária se dá de acordo com o subir e descer dos rios. Nos primeiros meses do ano, quando as chuvas desabam e o Pantanal se torna uma planície inerte tomada pela água, o rebanho se ajunta nas áreas a salvo das inundações, em geral pequenas elevações chamadas de cordilheiras. O período entre abril e junho é o da vazante, quando as águas que não escoaram permanecem aprisionadas em lagoas que os moradores chamam de baías, atraindo toda sorte

de animais. Nos campos antes alagados, o capim surge renovado, lavado pelas águas e livre de pragas, dispensando o uso de qualquer produto químico ou intervenção humana.

É também na vazante que nascem os bezerros, época de maior trabalho do vaqueiro, ocupado em percorrer as vastas extensões da fazenda retirando os animais que ficaram presos no lamaçal e reunindo os recém-nascidos para curá-los de larvas oportunas que costumam penetrar em seus umbigos expostos. A partir de agosto, quando os ipês floridos anunciam a chegada da seca, os peões reúnem grupos de animais nos chamados rodeios para que os touros emprenhem as vacas. É grande também o risco de queimadas no pasto ressecado, e por isso se faz necessário abrir por toda a fazendo os aceiros, faixas desmatadas ao longo das cercas para evitar que o fogo se espalhe.

Quando as chuvas voltam a cair em novembro, o pasto rebrota, o rebanho se fortalece e os vaqueiros apartam os novilhos que serão vendidos. Nas propriedades aonde as estradas não chegam, a viagem do rebanho com destino à fazenda de abate se faz em comitivas, onde mil ou mais cabeças empreendem uma viagem que costuma durar dezenas de dias. A comitiva pode partir tanto na cheia quanto na seca, e em ambas a jornada será de algum modo penosa: se na época das inundações chega-se a percorrer dias inteiros dentro da água, na estiagem a poeira dos cascos e a dificuldade de achar água potável podem tornar o caminho igualmente cansativo.

Seja como for, tomar parte numa comitiva pantaneira é ofício que requer habilidades únicas, que no Brasil só o vaqueiro pantaneiro foi capaz de desenvolver. As funções, inclusive, são altamente

especializadas. O ponteiro, por exemplo, é aquele que vai na frente, indicando o caminho da comitiva através das fazendas, controlando a velocidade da marcha e se comunicando com o resto da tropa pelo toque do berrante. Atrás dele vêm os fiadores, um à direita e outro à esquerda do gado, cujo trabalho é impedir que os bois escapem pela lateral; para isso usam os relhos, chicotes de couro que ao bater no chão emitem um estalo que assusta os animais que se desviaram. É o mesmo trabalho dos meeiros, só que estes encarregados de controlar o rebanho do meio para o final.

Tocando as cabeças, na retaguarda, vem o chefe da comitiva, também chamado de culatreiro. É quem decide a velocidade da marcha, pautado pela presença de pasto ou de água potável na área, mas sempre atento à necessidade de se fazer o pouso antes que o sol se ponha. Uma comitiva só avança se for com luz natural; à noite, mesmo com lanternas, é grande o risco de que um boi se perca. Nesses pousos, mais do que apenas o momento de descanso, é que os vaqueiros reforçam seus laços de camaradagem, atados em firmes nós por meio de rodas de tereré.

Gramática da solidão

Ninguém sabe ler melhor a paisagem do Pantanal que o vaqueiro. Cada árvore, cada planta, cada capão de mata é como uma placa de trânsito que orienta o peão no caminho da comitiva e na lida diária na fazenda: só de olhar, ele já sabe onde o carro atola, onde dá bom poço, onde tem fruta comestível. É como uma gramática da solidão, aprendida nos longos silêncios através dos campos, onde por vezes ele é o único elemento humano.

Do mesmo modo, o vaqueiro sabe interpretar com espantosa precisão os sinais mais sutis do cavalo, animal com quem estabelece uma conexão que durará por toda a vida. O cavalo em si é patrimônio do patrão, mas o peão o trata como se fosse seu: não troca, não vende, não empresta. É coisa de relação afetiva, selada no momento da doma. Todo vaqueiro é responsável por domar o cavalo que usará, e isso envolve não só o ritual de amansar o potro, mas também o trabalho de ajeitar o animal a seu próprio gosto. Na definição de Abílio Leite de Barros, são três as coisas às quais o peão pantaneiro aspira: “um cavalo bom, uma traia bem aperada e mulher – nessa ordem de importância”.

A traia, no caso, são os apetrechos de montaria, dos quais o laço é o item de maior valor. Cada peão produz o seu, arte aprendida desde menino e praticada ao longo da vida com perícia e paciência. No Pantanal, usa-se o laço de couro trançado, grosso, provável invenção dos charruas pampeanos introduzida pelos paraguaios. É como ele que o vaqueiro recaptura o boi que fugiu, não importando se este é um bagual, rês metida a selvagem, ou um manheiro, que só se esconde em lugares aonde sabe que o peão terá dificuldade de chegar. Mais que instrumento de trabalho, o laço é também artefato de afirmação: o bom laçador é sempre um homem de respeito.

Também de origem sulista é a guaiaca, largo cinturão de couro usado para carregar dinheiro, revólver e faca. O revólver é mais enfeite que arma e raramente

solta tiro. Já com a faca o peão faz de tudo: sangra o boi, carneia, corta o couro, degola frango, abre picada na mata, fabrica laço, rédea, cincha e chicote. Quando um menino ganha a primeira faca, é sinal de que virou homem. Passará a vida inteira sem desgrudar dela, a não ser para comer ou dormir.

Quando não trabalha, o peão quase sempre estará junto a seus companheiros numa roda de tereré, bebida nacional paraguaia que se tornou também pantaneira. Assim como o chimarrão, é feito da erva-mate, mas difere por ser tomado na guampa (chifre de boi) e gelado. Ideal para amansar os suores do corpo entre uma lida e outra. O tereré ainda encerra o poder de aglutinar patrões e peões, diluir hierarquias. É na roda, enquanto a bomba trafega de boca em boca - sempre em sentido horário -, que fazendeiros e vaqueiros tecem o seu pacto de mútua solidariedade. Afinal, rodeados de distâncias, um não vive sem o outro.

Tudo isso dito acima, vale ressaltar, diz respeito ao vaqueiro pantaneiro tradicional, espécie ameaçada de extinção. Ele começou a morrer nos anos 1980, quando o Cerrado se firmou como nova frente pecuarista ao mesmo tempo em que o Pantanal via as antigas propriedades se dividirem entre os herdeiros, tornando-se cada vez menores. A colossal Fazenda Firme, que no século 19 chegou a somar 180 mil hectares, naquela altura já estava retalhada em mais de 80 propriedades. E, como se sabe, uma fazenda pantaneira só dará lucro se houver espaço suficiente para bois e águas. À crise econômica que se instalou, somou-se um ciclo de secas extremas que faria o Pantanal arder em chamas pelas décadas seguintes. Entre 1985 e 2020, foi o bioma que mais queimou no Brasil.

Fazendas que estiveram por várias gerações nas mãos da mesma família começaram as ser vendidas ao "pessoar do sur", gente de outros estados atraída pela farta oferta de terra. Estes, por sua vez, começaram a plantar pasto exótico, mais produtivo, no lugar do capim nativo, perturbando o equilíbrio de séculos alcançado entre as pessoas e a paisagem. Muitas vezes são os próprios filhos dos antigos proprietários que buscam trazer inovações à fazenda como forma de aumentar a lucratividade. Isso se traduz em desmatamento, que até 2016 já havia suprimido cerca de 15% da vegetação original do bioma. Num Pantanal cada vez mais parecido com o agronegócio, o vaqueiro se vê obrigado a assumir funções como operar tratores, semeadeiras e roçadeiras. No lugar do cavalo, a máquina. E no lugar da solidão, o celular: na planície onde quase nada acontecia para além do ciclo de cheias e secas, o mundo de fora agora penetra ligeiro, como as tormentas de janeiro.

O que sobreviverá do que um dia foi o homem pantaneiro, só o futuro dirá. Sua história, porém, não há enxurrada capaz de levá-la embora. Permanecerá para sempre impregnada nos campos.

Xavier Bartaburu *é jornalista, escritor e pesquisador da brasilidade. É formado pela Universidade de São Paulo com mestrado pela New York University. Tem mais de 20 livros publicados com foco na memória e na documentação do patrimônio* cultural e ambiental do Brasil.

BIBLIOGRAFIA

Barros, Abílio de. *Gente pantaneira: crônicas de sua história*. Campo Grande : [s.e.], 1998.

Espíndola, D. J., and Marly de Almeida Gomes Vianna. *"O Peão Pantaneiro (seu meio, suas lidas, suas crenças: sua história)"*. Revista Universo (2010).

Cabrita, Débora Alves Pereira, and Cáceres ML. *"Comitivas pantaneiras."* Anais do 39º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação [Internet]. São Paulo: INTERCOM. 2016.

Pieretti Câmara, Ricardo. *Os causos: uma poética pantaneira*. Universitat Autònoma de Barcelona, 2007.

Rosseto, Onélia Carmem. *"Sustentabilidade ambiental do Pantanal mato-grossense: interfaces entre cultura, economia e globalização."* Revista Nera 15 (2012): 88-105.

Juliano, R. S., et al. *"A interação do homem pantaneiro com seu cavalo."* Embrapa Pantanal-Documentos (INFOTECA-E) (2009).

Gonçalves, Debora Fittipaldi, Fabiane de Araújo Bernart, and Sabrina Gisele Zardin. *"O homem pantaneiro sul-mato-grossense: sua vida e sua história."* Multitemas (2002).

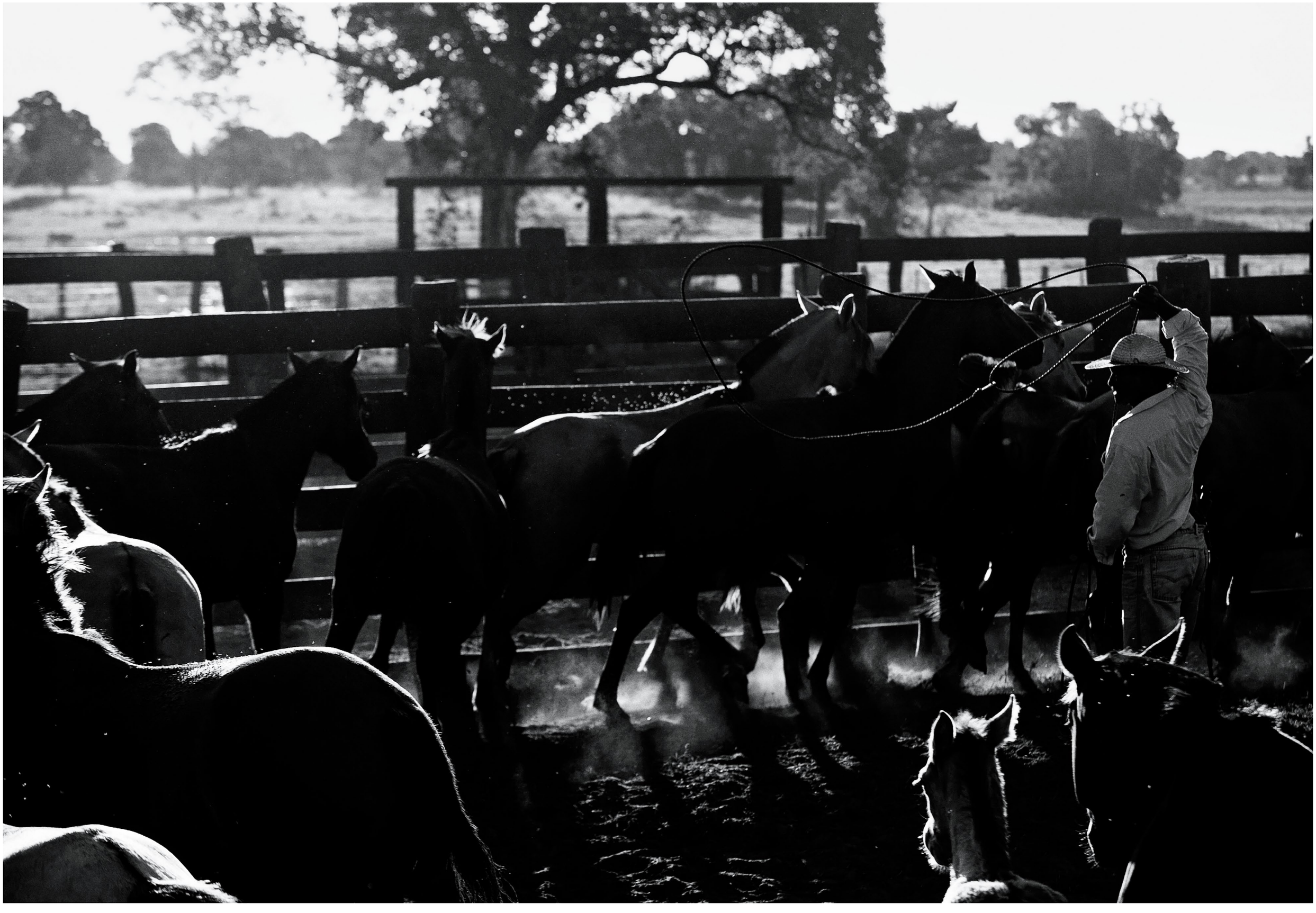
Leite, Eudes Fernando. *"Um homem chamado pantaneiro."* Gênero e tecnologias, tecnologias do gênero: estudos, pesquisas e poéticas interdisciplinares. Cuiabá: Ed. UFMT (2012): 33-45.

Costa, Maria D. *"De Xarayes ao Pantanal: a cartografia de um mito geográfico."* Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, vol. 0, no. 45, 2007, p. 21.

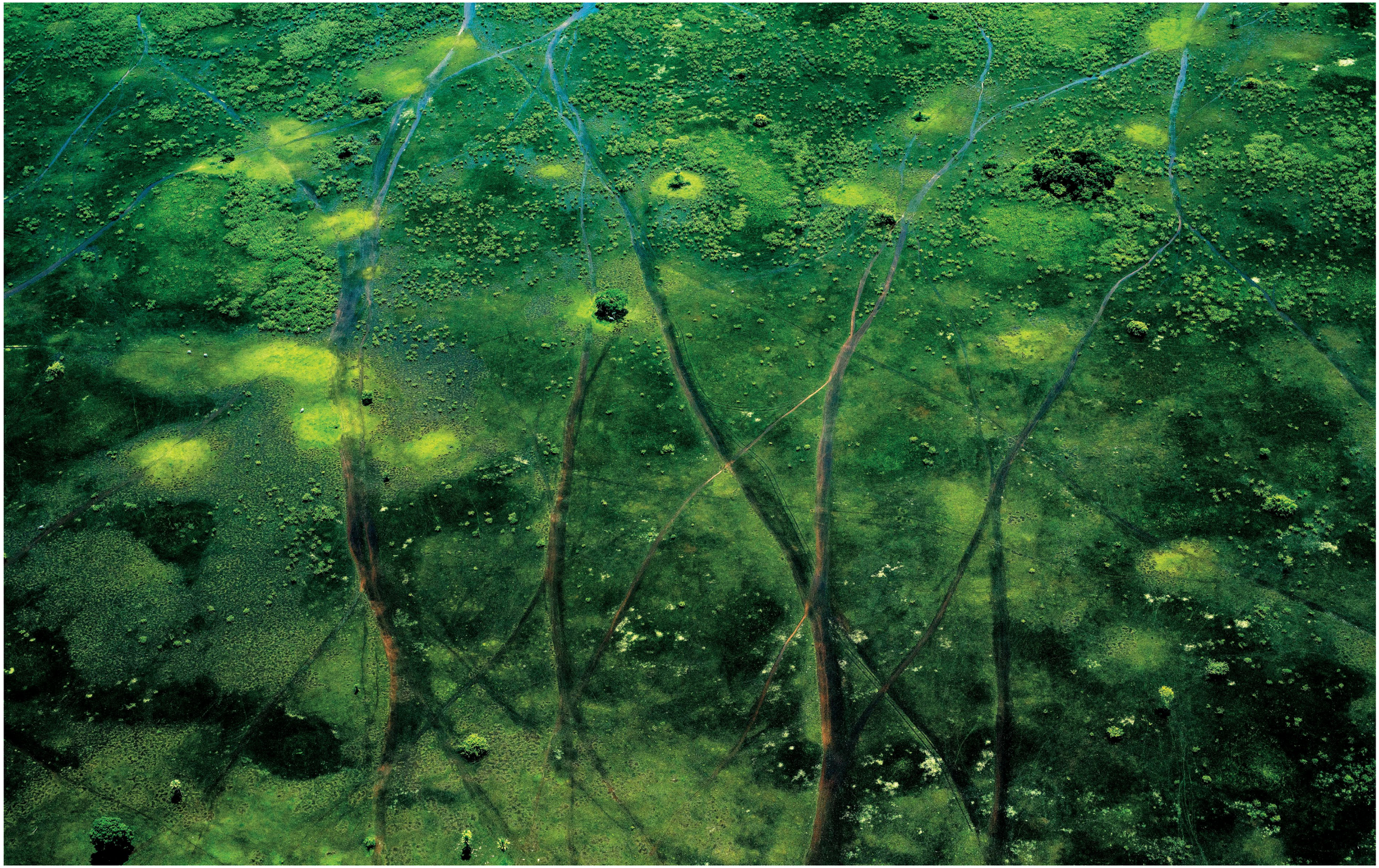
Brasil, João Filipe Domingues. *"Expedições de conquista ibérica e tentativas de submeter os povos indígenas do Pantanal ao domínio europeu no século XVI."* Tellus (2019): 159-175.

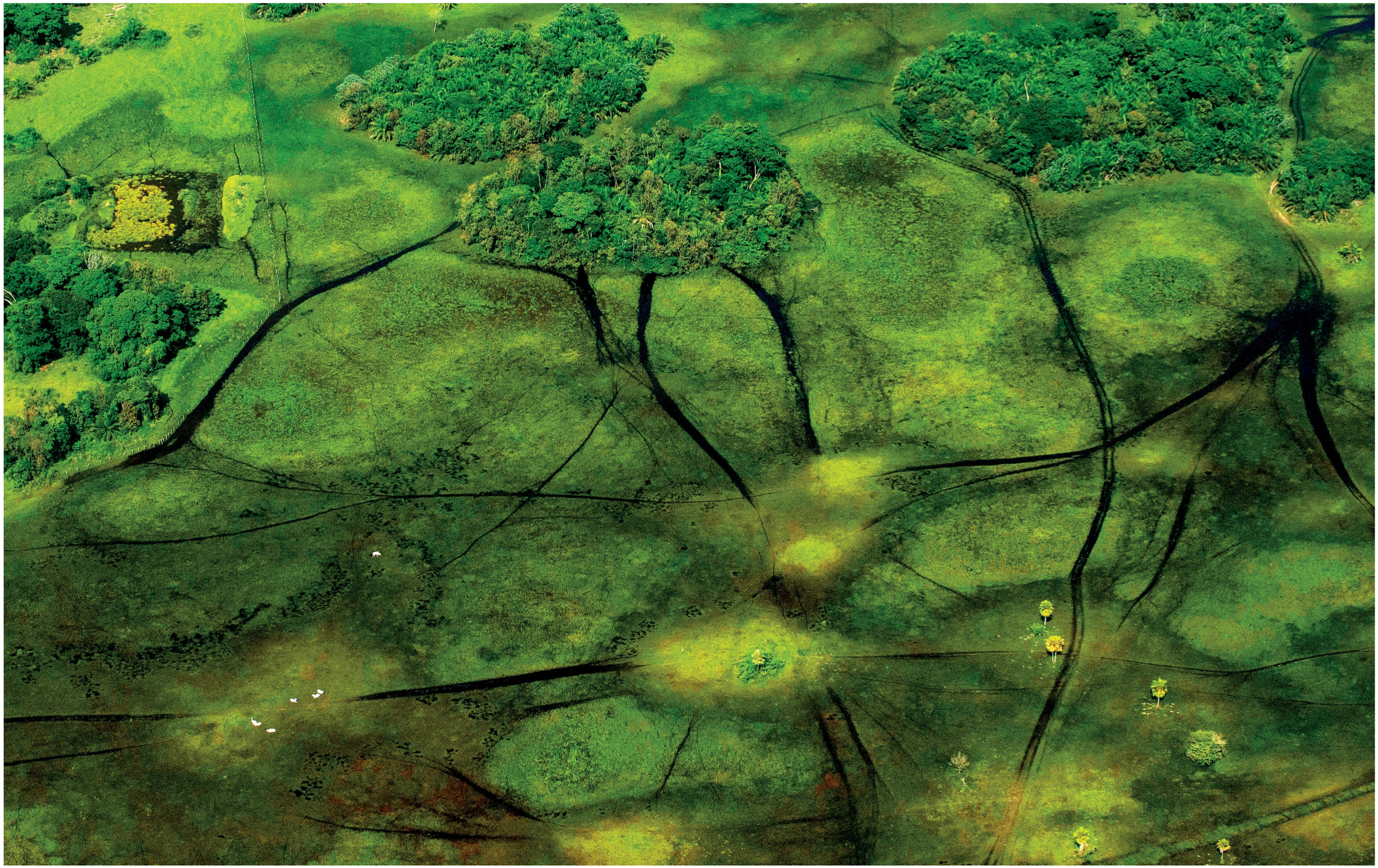
Brasil, João Filipe Domingues. *"Povos indígenas e expedições de conquista no pantanal do século XVI."* Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia 14.2 (2017): 293-294

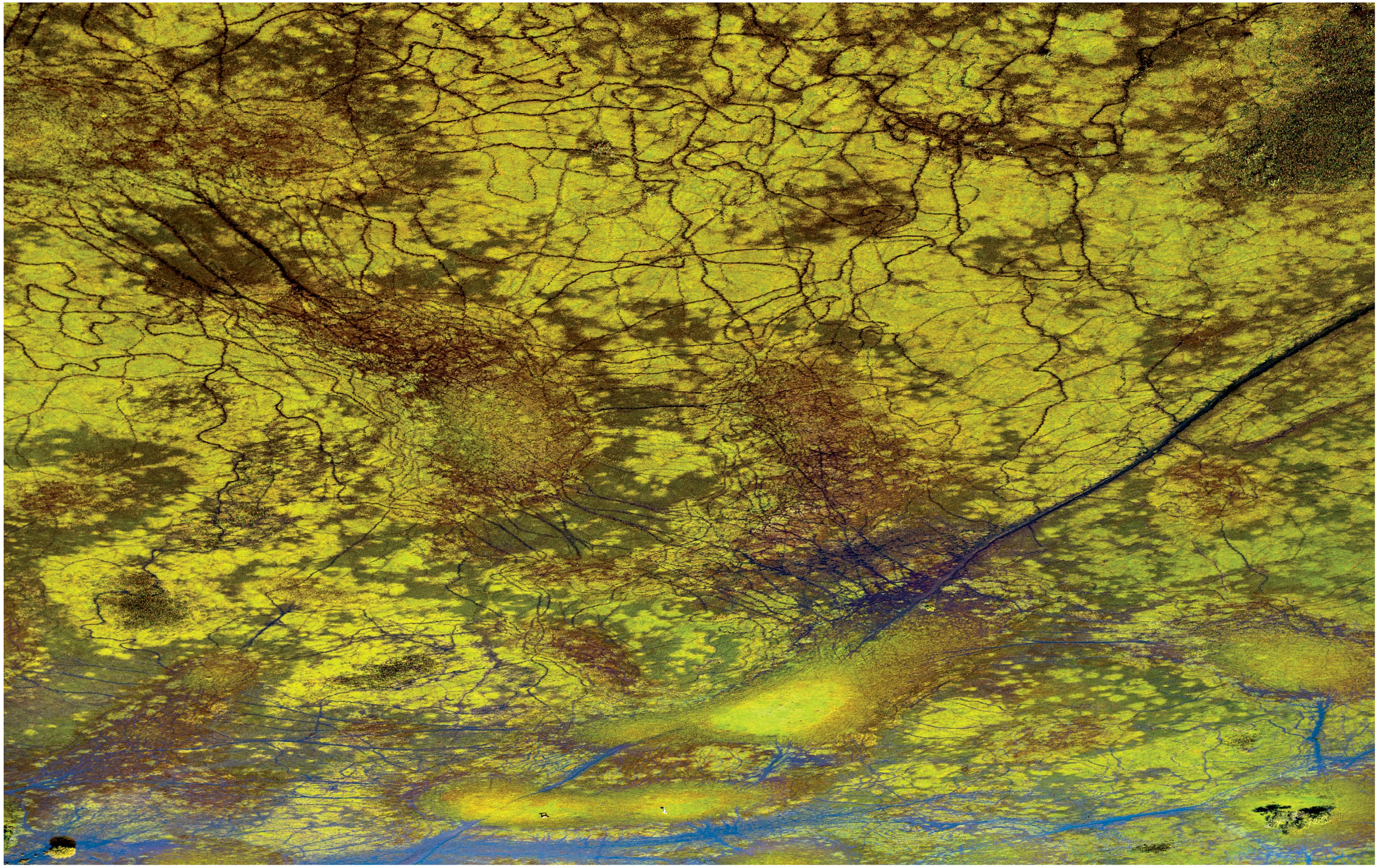
Santos, S. A., et al. *"Sistema de produção de gado de corte do Pantanal."* Embrapa Pantanal-Livro científico (ALICE) (2002).

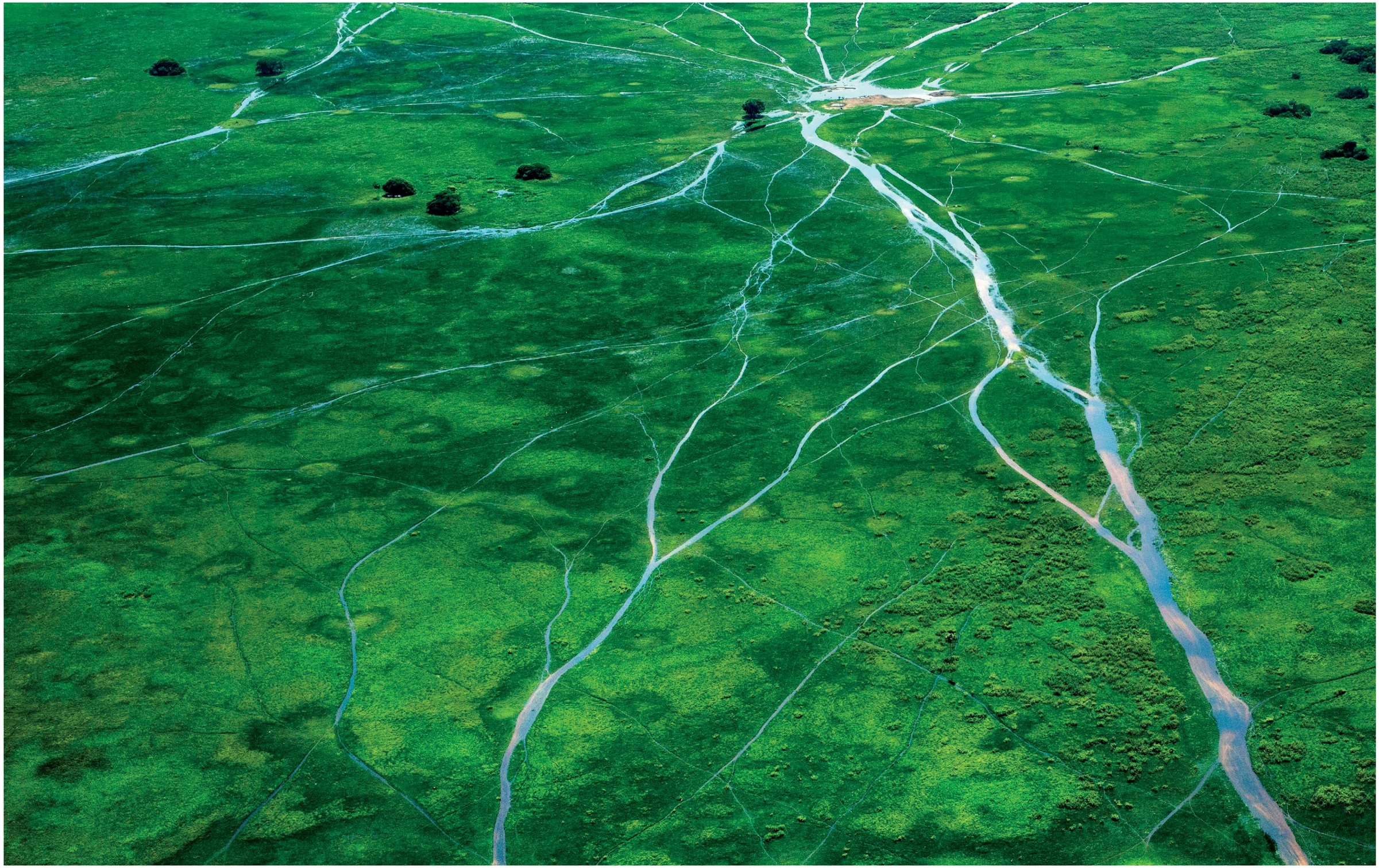


Quando pequeno vivia com a sensação de que me faltavam cores. Com o tempo percebi que o mundo cromático não fazia parte do meu olhar. O daltonismo explicou a predileção pelo preto e branco. Foi assim, sem entender cores, que o Pantanal entrou em minha vida. Já no primeiro sobrevoo me encantei e passei a sentir aquele universo multicolorido. Não percebo o verde nem o vermelho como a maioria das pessoas, mas aquele agosto de 1992 me fez compreender o que até então não entendia.

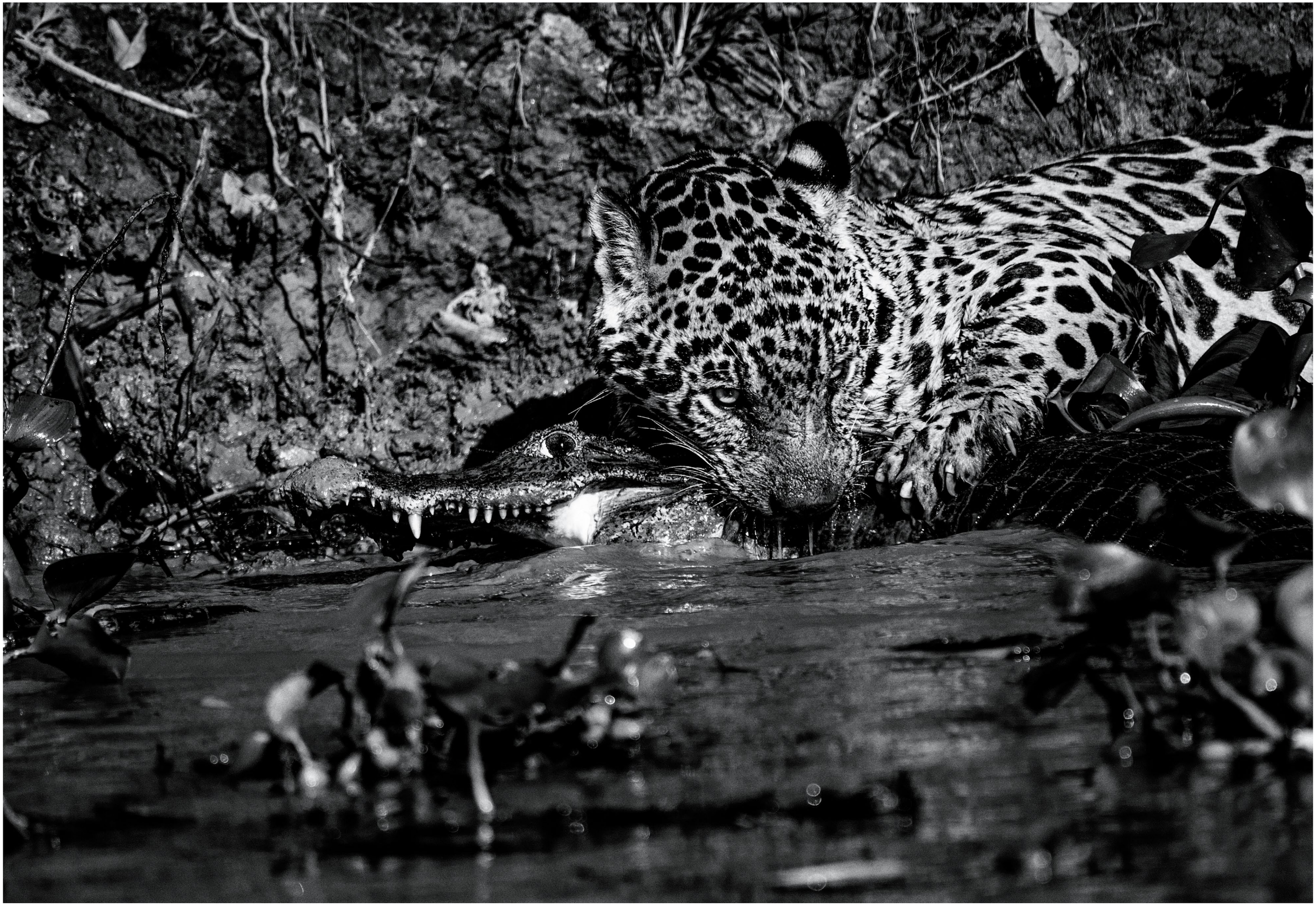


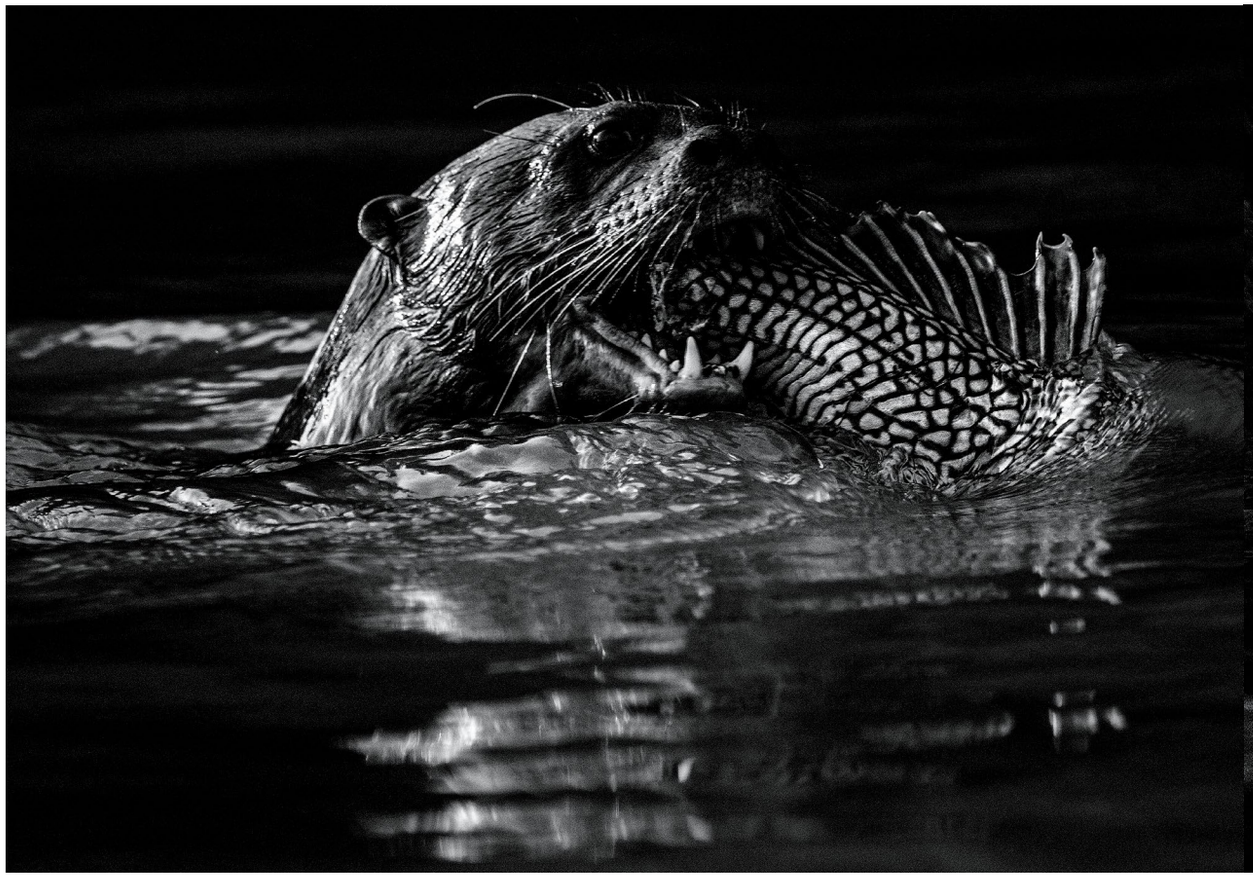


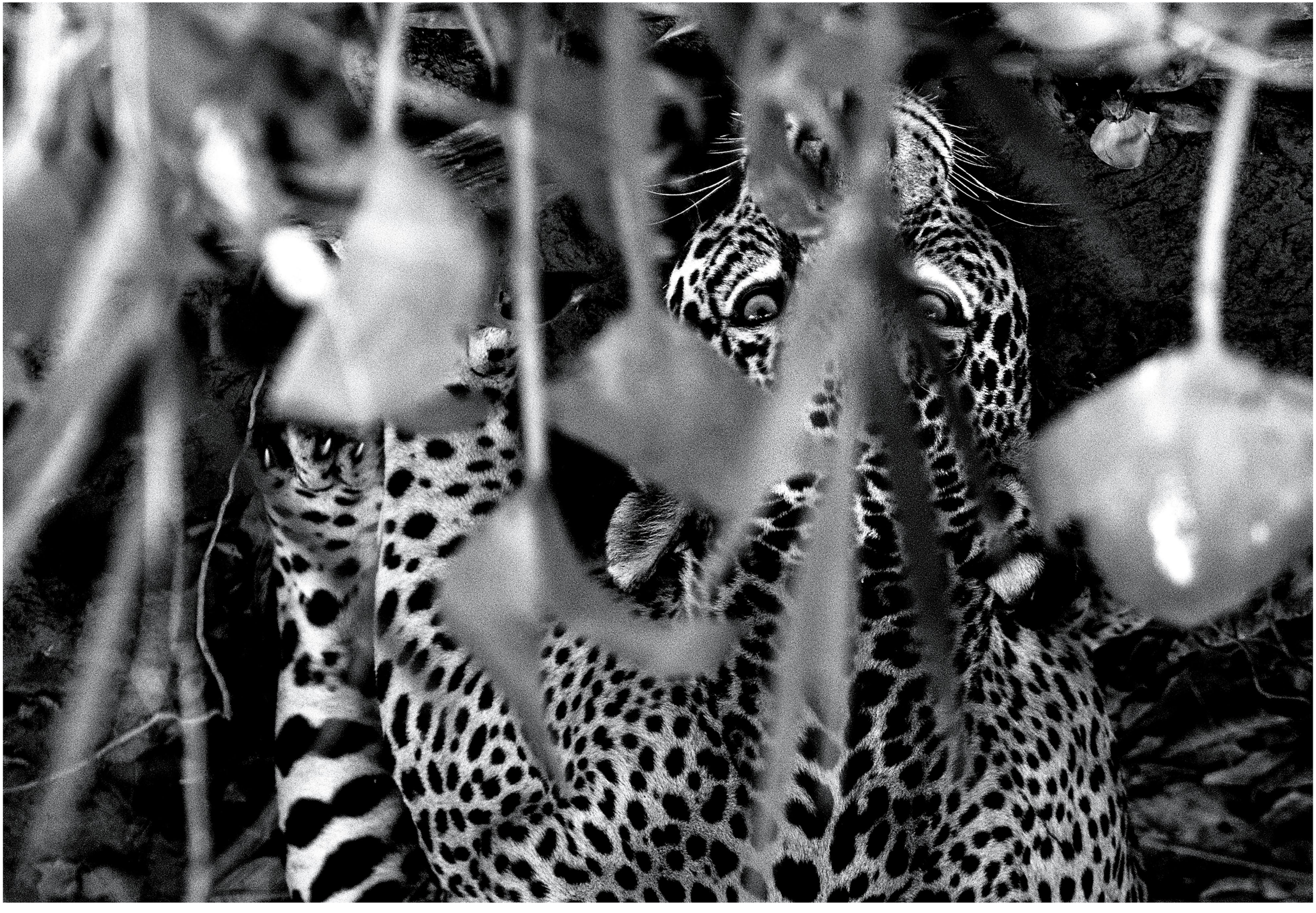




Jayme Monjardim apresentou a maior planície alagada do mundo para o Brasil no início de 1990 com a novela Pantanal. Dois anos depois ele voltava para aquelas terras para a pré produção de outro trabalho. O destino me presenteou com o convite para fotografar futuras locações. Durante pouco mais de um mês de viagem e seis meses de trabalho editando as quase dez mil imagens produzidas, Jayme me ensinou a perceber a luz do Pantanal. Aquele lugar especial me fez sentir as cores, Jayme me ensinou a trabalhar com elas. O que era miragem se transformou em real. Trinta anos depois, volto aquele universo multicolorido para revelar o que realmente vejo. Deixei as cores descansarem para, assim, mostrar o meu verdadeiro Pantanal.







Até viajar ao Pantanal, Valdemir Cunha desconhecia o magenta. E foi nessas terras alagadas, com um Velvia 50 nos olhos, que encontrou o novo tom. Ali, criara sua escala cromática.

Com mais de 20 títulos publicados, o fotógrafo dos olhos que enxergam preto e branco traz na bagagem um repertório ora clássico, ora contemporâneo, ora colorido, ora monocromático, mas que se une e se entrelaça harmoniosamente na temática central que abraçou para conceituar seu trabalho: a geografia humana brasileira.

Depois de muito percorrer os rincões do Brasil, Valdemir criou uma paleta de cores única, que carrega sempre consigo em seu bolso imaginário - e imagético - e que foi matéria-prima para a compreensão e interpretação desse universo multicolorido que é a planície pantaneira.

São três décadas registrando não apenas sua fauna e flora, mas a forma de vida e lida do homem pantaneiro, tão importante na preservação deste bioma. Abandonando as cores e cenas contemplativas, Valdemir nos mostra o retrato da essência deste homem. Que mantém em seu dia a dia uma relação de respeito, dependência e simbiose com o Pantanal, Patrimônio Natural da Humanidade (UNESCO). “Vaqueiro das águas” é o livro que marca seus 30 anos de documentação da maior planície alagada do planeta e a primeira vez que Valdemir fala sobre o daltonismo e mostra como de fato enxerga as cores.

Lígia Fernandes
Editora Executiva

Editor Valdemir Cunha
Fotos Valdemir Cunha
Editora Executiva Lígia Fernandes
Direção de Arte Valdemir Cunha
Texrto Xavier Bartaburu
Tratamento de Imagem Ipsis Gráfica
Impressão Ipsis Gráfica
Loja virtual editoraorigem.com.br

Fonte Alegreya SC e Chaparral Pro
Miolo Garda Kiara 135g/m²
Capa Garda Kiara 135g/m²
Tiragem 300 exemplares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cunha, Valdemir
Vaqueiro das águas / Valdemir Cunha ; [texto] Xavier Bartaburu. -- São Paulo : Editora Origem, 2022.

Bibliografia
ISBN 978-65-89233-27-5

1. Fotografia 2. Pantanal Mato-grossense (MT e MS) - Fotografias 3. Pantaneiros 4. Vaqueiros - Pantanal Mato-grossense (MT e MS) I. Bartaburu, Xavier. II. Título.

22-100106 CDD-778.98172

Índices para catálogo sistemático:

1. Vaqueiros : Pantanal matogrossense (MT e MS) : Ensaio fotográfico 778.98172

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Copyright, 2022
Fotografias: Valdemir Cunha

Os direitos desta edição pertencem à Editora Origem
Av. Marcos P. de U. Rodrigues, 4446, ap 104, bl 1, Tamboré - Santana de Parnaíba/SP
CEP: 06543-001
Telefone: 55 11 99202-1675

ISBN: 978-65-89233-27-5